INSTITUTO TECNOLÓGICO DE AERONÁUTICA

VESTIBULAR 2014



INSTRUÇÕES

- 1. Esta prova de Português e a de Inglês têm, conjuntamente, duração de quatro horas.
- 2. Não é permitido deixar o local de exame antes de decorridas duas horas do início das provas.
- 3. Você poderá usar apenas lápis (ou lapiseira), caneta e borracha. É proibido portar qualquer outro material escolar.
- 4. A prova de Português é composta de **20 questões de múltipla escolha** (numeradas de 21 a 40) e uma redação, cujo tema e instruções encontram-se no final deste caderno.
- 5. As 20 questões de múltipla escolha correspondem a 60% do valor da prova e a redação, aos 40% restantes.
- 6. Você recebeu este caderno de questões e uma folha para a redação. Verifique se o caderno de questões está completo.
- 7. Cada questão de múltipla escolha admite uma única resposta.
- 8. Antes do final da prova, você receberá uma folha de leitura óptica, destinada à transcrição das respostas de Português (21 a 40) e de Inglês (1 a 20). Usando caneta preta, assinale a opção correspondente à resposta de cada uma das questões de múltipla escolha. Você deve preencher todo o campo disponível para a resposta, sem extrapolar-lhe os limites, conforme instruções na folha de leitura óptica.
- 9. Cuidado para não errar no preenchimento da folha de leitura óptica. Se isso ocorrer, avise o fiscal, que lhe fornecerá uma folha extra com o cabeçalho devidamente preenchido.
- 10. Não haverá tempo suplementar para o preenchimento da folha de leitura óptica.
- 11. No verso da folha destinada à redação, existe uma reprodução da folha de leitura óptica, que deverá ser preenchida com um simples traço a lápis durante a realização da prova.
- 12. A não devolução da folha de redação, do caderno de questões e da folha de leitura óptica implicará a desclassificação do candidato.
- 13. **Somente** os candidatos que permanecerem na sala até o final das quatro horas de prova estarão autorizados a levar o caderno de questões.
- 14. No dia 27/12/2013, a partir das 10:00 horas, o gabarito desta prova estará disponibilizado no site do ITA (www.ita.br).
- 15. Aguarde o aviso para iniciar a prova. Ao terminá-la, avise o fiscal e aguarde-o no seu lugar.

TEXTO 1

1

5

25

35

50

Não há hoje no mundo, em qualquer domínio de atividade artística, um artista cuja arte contenha maior universalidade que a de Charles Chaplin. A razão vem de que o tipo de Carlito é uma dessas criações que, salvo idiossincrasias muito raras, interessam e agradam a toda a gente. Como os heróis das lendas populares ou as personagens das velhas farsas de mamulengo.

Carlito é popular no sentido mais alto da palavra. Não saiu completo e definitivo da cabeça de Chaplin; foi uma criação em que o artista procedeu por uma sucessão de tentativas e erradas.

Chaplin observava sobre o público o efeito de cada detalhe.

Um dos traços mais característicos da pessoa física de Carlito foi achado casual. Chaplin certa vez lembrou-se de arremedar a marcha desgovernada de um tabético. O público riu: estava fixado o andar habitual de Carlito.

O vestuário da personagem – fraquezinho humorístico, calças lambazonas, botinas escarrapachadas, cartolinha – também se fixou pelo consenso do público.

Certa vez que Carlito trocou por outras as botinas escarrapachadas e a clássica cartolinha, o público não achou graça: estava desapontado. Chaplin eliminou imediatamente a variante. Sentiu com o público que ela destruía a unidade física do tipo. Podia ser jocosa também, mas não era mais Carlito.

Note-se que essa indumentária, que vem dos primeiros filmes do artista, não contém nada de especialmente extravagante. Agrada por não sei quê de elegante que há no seu ridículo de miséria. Pode-se dizer que Carlito possui o dandismo do grotesco.

Não será exagero afirmar que toda a humanidade viva colaborou nas salas de cinema para a realização da personagem de Carlito, como ela aparece nessas estupendas obras-primas de humour que são O Garoto, Ombro Arma, Em Busca do Ouro e O Circo.

Isto por si só atestaria em Chaplin um extraordinário dom de discernimento psicológico. Não obstante, se não houvesse nele profundidade de pensamento, lirismo, ternura, seria levado por esse processo de criação à vulgaridade dos artistas mediocres que condescendem com o fácil gosto do público.

Aqui é que começa a genialidade de Chaplin. Descendo até o público, não só não se vulgarizou, mas ao contrário ganhou maior força de emoção e de poesia. A sua originalidade extremou-se. Ele soube isolar em seus dados pessoais, em sua inteligência e em sua sensibilidade de exceção, os elementos de irredutível humanidade. Como se diz em linguagem matemática, pôs em evidência o fator comum de todas as expressões humanas. O olhar de Carlito, no filme *O Circo*, para a brioche do menino faz rir a criançada como um gesto de gulodice engraçada. Para um adulto pode sugerir da maneira mais dramática todas as categorias do desejo. A sua arte simplificou-se ao mesmo tempo que se aprofundou e alargou. Cada espectador pode encontrar nela o que procura: o riso, a crítica, o lirismo ou ainda o contrário de tudo isso.

Essas reflexões me acudiram ao espírito ao ler umas linhas da entrevista fornecida a Florent Fels pelo pintor Pascin, búlgaro naturalizado americano. Pascin não gosta de Carlito e explicou que uma fita de Carlito nos Estados Unidos tem uma significação muito diversa da que lhe dão fora de lá. Nos Estados Unidos Carlito é o sujeito que não sabe fazer as coisas como todo mundo, que não sabe viver como os outros, não se acomoda em meio algum, — em suma um inadaptável. O espectador americano ri satisfeito de se sentir tão diferente daquele sonhador ridículo. É isto que faz o sucesso de Chaplin nos Estados Unidos. Carlito com as suas lamentáveis aventuras constitui ali uma lição de moral para educação da mocidade no sentido de preparar uma geração de homens hábeis, práticos e bem quaisquer!

Por mais ao par que se esteja do caráter prático do americano, do seu critério de sucesso para julgamento das ações humanas, do seu gosto pela estandardização, não deixa de surpreender aquela interpretação moralista dos filmes de Chaplin. Bem examinadas as coisas, não havia motivo para surpresa. A interpretação cabe perfeitamente dentro do tipo e mais: o americano bem verdadeiramente americano, o que veda a entrada do seu território a doentes e estropiados, o que propõe o pacto contra a guerra e ao mesmo tempo assalta a Nicarágua, não poderia sentir de outro modo.

Não importa, não será menos legítima a concepção contrária, tanto é verdade que tudo cabe na humanidade vasta de Carlito. Em vez de um fraco, de um pulha, de um inadaptável, posso eu interpretar Carlito como um herói. Carlito passa por todas as misérias sem lágrimas nem queixas. Não é força isto? Não perde a bondade apesar de todas as experiências, e no meio das maiores privações acha um jeito de amparar a outras criaturas em aperto. Isso é pulhice?

Aceita com estoicismo as piores situações, dorme onde é possível ou não dorme, come sola de sapato cozida como se se tratasse de alguma língua do Rio Grande. É um inadaptável?

Sem dúvida não sabe se adaptar às condições de sucesso na vida. Mas haverá sucesso que valha a força de ânimo do sujeito sem nada neste mundo, sem dinheiro, sem amores, sem teto, quando ele pode agitar a bengalinha como Carlito com um gesto de quem vai tirar a felicidade do nada? Quando um ajuntamento se forma nos filmes, os transeuntes vão parando e acercando-se do grupo com um ar de curiosidade interesseira. Todos têm uma fisionomia preocupada. Carlito é o único que está certo do prazer ingênuo de olhar.

Neste sentido Carlito é um verdadeiro professor de heroísmo. Quem vive na solidão das grandes cidades não pode deixar de sentir intensamente o influxo da sua lição, e uma simpatia enorme nos prende ao boêmio nos seus gestos de aceitação tão simples.

Nada mais heróico, mais comovente do que a saída de Carlito no fim de *O Circo*. Partida a companhia, em cuja *troupe* seguia a menina que ele ajudara a casar com outro, Carlito por alguns momentos se senta no círculo que ficou como último vestígio do picadeiro, refletindo sobre os dias de barriga cheia e relativa felicidade sentimental que acabava de desfrutar. Agora está de novo sem nada e inteiramente só. Mas os minutos de fraqueza duram pouco. Carlito levanta-se, dá um puxão na casaquinha para recuperar a linha, faz um molinete com a bengalinha e sai campo afora sem olhar para trás. Não tem um vintém, não tem uma afeição, não tem onde dormir nem o que comer. No entanto vai como um conquistador pisando em terra nova. Parece que o Universo é dele. E não tenham dúvida: o Universo é dele.

75 Com efeito, Carlito é poeta.

(Em: Crônicas da Província do Brasil. 1937.)

idiossincrasia (linha 3): maneira de ser e de agir própria de cada pessoa.

mamulengo (linha 4): fantoche, boneco usado à mão em peças de teatro popular ou infantil.

tabético (linha 9): que tem andar desgovernado, sem muita firmeza.

dandismo (linha 18): relativo ao individuo que se veste e se comporta com elegância.

pulhice (linha 54): safadeza, canalhice.

estoicismo (linha 55): resignação com dignidade diante do sofrimento, da adversidade, do infortúnio.

molinete (linha 71): movimento giratório que se faz com a espada ou outro objeto semelhante.

Questão 21. Considerando que o título pode antecipar para o leitor o tema central do texto, assinale a opção que apresenta o título mais adequado.

A () A representatividade de Carlito em O Circo.	B () O heroísmo de Carlito.
C() As representações da vida real por Chaplin.	D () A recepção dos filmes de Chaplin.
E() A dualidade no personagem Carlito.	*

Questão 22. Considere o enunciado "Carlito é popular no sentido mais alto da palavra" (linha 5) e as informações de todo o texto. Na visão de Bandeira, a popularidade pode ser explicada pelo fato de Carlito

1. ser apresentado com indumentária elegante.

II. ser responsável por atrair grande público para os cinemas.

III. retratar o tipo heroico americano, que não quer ser considerado malsucedido.

IV. ter sido ajustado a partir das reações do público.

Está(ão) correta(s):

A () apenas I e II.	B() apenas I e III.
C() apenas II e IV.	D() apenas III e IV
E() todas.	

Questão 23. Assinale a opção cujo elemento coesivo em negrito substitui os dois pontos sem alterar o sentido do enunciado.

- A () Não saiu completo e definitivo da cabeça de Chaplin: foi uma criação em que o artista procedeu por uma sucessão de tentativas e erradas. (linhas 5 e 6) já que
- B() O público riu: estava fixado o andar habitual de Carlito. (linha 9 e 10) visto que
- C () [...] o público não achou graça: estava desapontado. (linhas 13 e 14) de forma que
- D () Cada espectador pode encontrar nela o que procura: o riso, a crítica, o lirismo ou ainda o contrário de tudo isso. (linhas 33 e 34) posto que
- E () A interpretação cabe perfeitamente dentro do tipo e mais: o americano bem verdadeiramente americano, o que veda a entrada do seu território a doentes e estropiados, [...] (linhas 47 a 48) tanto que

Questão 24. De acordo com Bandeira,

- A () Carlito é essencialmente triste, apesar de não demonstrar.
- B() o público se identifica com Carlito, porque ele representa um tipo universal de simplicidade.
- C() Carlito faz sucesso nos Estados Unidos, porque é sonhador como os americanos.
- D () Carlito representa o lado heroico do ser humano, embora isso não seja explicitado em seus filmes.
- E () Carlito representa o lado debochado e despojado do ser humano, daí seu grande sucesso.

Questão 25. Sobre Charle	es Chaplin, o texto nos permite dize	r que	
B () seu personagem Carli C () seu personagem Carli D () seu personagem Carli	ersas emoções e extrapola os limites to originou-se das reações do públic to é apresentado como um tipo astu to satiriza a miséria material e emo- plico sentimentos antagônicos.	co. to e inteligente.	
Questão 26. Assinale a o 14).	pção que retoma a palavra variante	no trecho "Chaplin eliminou in	nediatamente a variante" (linha
	s e as botinas escarrapachadas. hadas e a clássica cartolinha. po.	B() o fraquezinho hu D() a marcha desgovo	morístico e a clássica cartolinha. ernada.
Questão 27. Considere o	s enunciados abaixo, atentando para	as palavras em negrito.	
que a de Charles Chap II. Agrada por não sei quê III. [] uma fita de Carlito 37) IV. A interpretação cabe p	o, em qualquer domínio de ativida lin. (linhas 1 e 2) de elegante que há no seu ridículo o nos Estados Unidos tem uma sign perfeitamente dentro do tipo e mais o a doentes e estropiados, [] (linha	de miséria. (linha 17) nificação muito diversa da que : o americano bem verdadeirar	lhe dão fora de lá. (linhas 36 e
As palavras em negrito têm	valor de adjetivo		
A() apenas em I, II e IV. D() apenas em III e IV.	B() apenas E() em tod	em I, III e IV. as.	C() apenas em II e IV.
Questão 28. Segundo Ba e 42), porque:	ndeira, o comportamento de Carlito	o é "uma lição de moral para ed	lucação da mocidade" (linhas 41
B() reforça a interpretaçã C() o personagem é cont D() o personagem exibe	elo para a formação de pessoas hábe to moral das pessoas, já que desejan raditório e as pessoas se identificam uma grande humanidade. ara si as características do personag	n se parecer com o personagem. com isso.	
Questão 29. Segundo o t	exto, herói é aquele que		
C() age de maneira cora D() enfrenta as adversid	em a vida de maneira leve.	fraqueza.	
Questão 30. Considerand	lo a estrutura do texto, pode-se dizer	r que Bandeira	
 considera fatos da épo descreve cenas de filr 	para refletir sobre a recepção do pú oca para refletir sobre o comportame nes para enaltecer a criação de Chap cos, como perguntas retóricas e adje	ento dos americanos. blin.	
Está(ão) correta(s)			
A() apenas I e II. D() apenas III e IV.	B() apenas E() todas.	I, II e IV.	C() apenas II, III e IV.
Questão 31. Depreende-	se do texto que os americanos		*
I. procuram valorizar	as particularidades das pessoas.		

- julgam as pessoas, conforme seu padrão de sucesso ou fracasso. são incoerentes em suas atitudes. II.
- III.
- IV. não reconhecem suas próprias fraquezas.

Está(ão) correta(s)					
	apenas I e II. apenas III e IV.		apenas I, II e IV. todas.		C() apenas I	I, III e IV.
Quest	ão 32. Assinale a opção	em que NÃO há aval	iação do autor.		* * * * * * * * * * * * * * * * * * * *	
B() C() D() E()	Não há hoje no mundo, en que a de Charles Chaplin. Chaplin observava sobre o Podia ser jocosa também, Isso por si só atestaria em Aqui é que começa a geni	(linhas 1 e 2). público o efeito de o mas não era mais Car Chaplin um extraord alidade de Chaplin. (l	cada detalhe. (linha 7 rlito. (linha 15) inário dom de discer linha 26)) nimento psicológio	* *	niversalidad
	estões de 33 e 34 refe	erem-se ao Texto	2, de Ruy Castr	0.		
TE	CTO 2		Ritos			
10 15 20	repente era cortada, a voltava. Nunca vi uma que os atores faziam. Assim como ac este envelope para fe cinema americano – possante goma arábico. Outra coisa qui mensagem de um boy da gorjeta, que ele ati bolsinho caça-níqueis. E ninguém tira dentro do bolso mesi andavam com os ciga marca impressa no ma Já uma coisa que tinha de vencer aqui seria mais prático, já cinstituições, em Roma profanos.	a linha voltar por es contecia também co chá-lo. Era formidá a cola devia ser a, as cartas chegar e sempre me intriç y, enfiava a mão no irava ao ar e o garo , que é onde os hor va também um cig mo, da calça ou d rros soltos pelos bo aço. ue nunca entendi e lele banco imenso, que iriam dirigir, en	etidamente no gand se processo, nem im o ato de o sujei avel a "nonchalanc de primeira. Nos iam abertas ao des gou nos velhos fili o bolso lateral da co to pegava com no nens costumam gu arro do maço e o o paletó. Ou seja, olsos. Acho que en ra por que todo mo passando por cim trar pelo lado do ma grasília, tinha seus	cho, dizendo "Ale no cinema, nem to enfiar a carta e" com que os a nossos envelop stino. nes era: o sujei alça e já saía co otável facilidade. lardar moedas. levava à boca. nos velhos film a para não most undo só entrava a das marchas, notorista? Seria. ritos. E vá você	ô? Alô?", para ver a na vida real, mas dentro do envelope atores lambiam enves, se não aplicá ito recebia um telem uma moeda no vimiguém tirava a Tirava-o da cigarrenes americanos, as arar de graça, para no carro pelo lado para chegar ao vol Mas Hollywood, co entender os ritos,	se o outro era assim e e lamber relopes no ssemos a egrama ou valor certo moeda do eira ou de s pessoas milhões, a do carona lante. Não emo tantas
Nonci	nalance: indiferença, desir	iteresse.		Tegucigalpa:	capital de Honduras.	
A() a C() a E() a Quest	ão 33. O Texto 2 é uma o artificialidade dos ritos na ausência de publicidade do funcionamento de apare ão 34. Está presente no la abordagem de que os film	no cinema e na vida re nos filmes. elhos tecnológicos. Fexto 1, de Manuel Banes constroem realida	andeira, e no 2, de R des próprias.	D () à qualida	ições hollywoodianas ade dos produtos ame	
B() a C() u D() a	descrição de gestos artific ma crítica a situações imp descrição de comportame omentários sobre comport	ciais de personagens r rováveis retratadas pentos do público de fil	nos filmes. elos filmes. Imes americanos anti	gos.		

Questão 35. Em uma passagem do romance *Luciola*, de José de Alencar, Lúcia e Paulo vão a uma praia em Niterói, local onde ela passou a infância. Podemos afirmar que esta cena

- A () reforça a percepção de que, para o Romantismo, o amor não é possível no meio urbano, mas apenas no meio natural.
- **B**() acentua a diferença entre a violência urbana e a paz que reina no meio natural.
- C () mostra a praia como cenário perfeito para Lúcia contar a Paulo como foi obrigada a se prostituir.
- D () faz Lúcia voltar a ser criança por um momento, revelando que, apesar de se prostituir, mantém o caráter puro e ingênuo.
- E () é apenas um bom exemplo do gosto romântico pela natureza brasileira e pela cor local.

Questão 36. Acerca da representação da infância em Vidas secas, de Graciliano Ramos, é INCORRETO dizer que

- A () tanto o menino mais velho como o mais novo encontram pouca alegria no ambiente inóspito em que vivem.
- B () os dois meninos sentem muito afeto pela cachorra Baleia, companheira inseparável da família.
- C () o menino mais velho se rebela contra a situação da família e contra a brutalidade de Sinhá Vitória.
- D () o menino mais novo quer ser igual ao pai e o mais velho entra em conflito com a mãe quando falam sobre o inferno.
- E () quando o menino mais velho associa o lugar em que vive com a ideia de inferno, começa a deixar de ser criança.

Questão 37. O poema abaixo é de Cecília Meireles:

Epigrama 8

Encostei-me em ti, sabendo bem que eras somente onda. Sabendo bem que eras nuvem, depus minha vida em ti.

Como sabia bem tudo isso, e dei-me ao teu destino frágil, fiquei sem poder chorar, quando caí.

É CORRETO afirmar que o texto

- A () contém uma expressão exagerada de dor e tristeza, decorrente do fim de um envolvimento amoroso.
- **B**() fala sobre o rompimento de duas pessoas, que, por já ser previsto, não causou dor no sujeito lírico.
- C () registra o término de um envolvimento afetivo superficial, pois os amantes não se entregaram totalmente.
- D () contém ambiguidade, pois, apesar de o sujeito lírico dizer que não chorou, o poema exprime tristeza.
- E () garante que a forma mais aconselhável de lidar com as desilusões é estarmos de antemão preparados para ela.

Questão 38. Acerca do romance Gabriela, cravo e canela, de Jorge Amado, assinale a opção CORRETA.

- A () A história central, que retrata o amor entre Gabriela e Nacib, segue estritamente o modelo realista-naturalista de paixão sexual.
- B() O final revela que a união amorosa de Gabriela e Nacib não condiz com as regras e valores sociais ligados ao matrimônio oficial.
- C () O adultério de Gabriela com Mundinho Falcão determina o final realista do romance.
- D () As mulheres, exceto Gabriela, têm destinos semelhantes ao de Sinhazinha, morta pelo marido ao surpreendê-la com Osmundo.
- $\mathbb{E}\left(\ \right)$ O adultério de Gabriela é secundário na obra, mais preocupada em denunciar o coronelismo no Nordeste.

Questão 39. O poema abaixo, sem título, é um haicai de Paulo Leminski:

lua à vista brilhavas assim sobre auschwitz?

(Distraídos venceremos. São Paulo: Brasiliense, 1987.)

Neste texto,

- I. há constraste entre a imagem natural e o fato histórico.
- II. o contraste entre "lua" e "auschwitz" provoca uma reação emotiva no sujeito lírico.
- III. o caráter interrogativo revela a perplexidade do sujeito lírico.

Está(ão) correta(s):

A() apenas I e II.

B() apenas I e III.

C() apenas II e III.

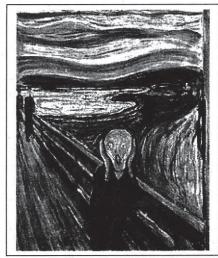
D() apenas III.

E() todas.

Questão 40. Considere o poema abaixo, de Carlos Drummond de Andrade, à luz da reprodução da pintura de Edvard Munch a que ele se refere.

O grito (Munch)

A natureza grita, apavorante. Doem os ouvidos, dói o quadro.



O grito - Edvard Munch (1863-1944), Noruega

O texto de Drummond

- I. traduz a estreita relação entre a forma e o conteúdo da pintura.
- II. mostra como o desespero do homem retratado repercute no ambiente.
- III. contém o mesmo exagero dramático e aterrorizante da pintura.
- IV. interpreta poeticamente a pintura.

Está(ão) correta(s)

A() apenas I e II.

B() apenas I, II e IV.

C() apenas II, III e IV.

D () apenas III e IV.

E() todas.

REDAÇÃO

Abaixo, há considerações de alguns cineastas sobre cinema.

- 1. Num filme, o que importa não é a realidade, mas o que dela possa extrair a imaginação. (Charles Chaplin, 1889-1977, cineasta britânico)
- 2. O cinema não tem fronteiras nem limites. É um fluxo constante de sonho. (Orson Welles, 1915-1985, cineasta americano)
- 3. O cinema é um modo divino de contar a vida. (Federico Fellini, 1920-1993, cineasta italiano)
- 4. Cinema é a fraude mais bonita do mundo. (Jean-Luc Godard, 1930, cineasta francês)
- **5.** Muitas vezes, se usa a palavra "cinematográfico" como sinônimo de uma coisa excepcional: "Não sei o quê é cinematográfico!" Muitas vezes, o cinema é um acúmulo de momentos escolhidos, a dedo: a paisagem mais linda, com a luz mais incrível, com o momento mais emocionante, enfim... Só que eu estava interessada numa coisa muito mais simples. E, às vezes, as pessoas me perguntam: "Você trabalhou de um jeito até mais documental, às vezes. Por quê? Você queria que fosse mais verdadeiro?" Aí, eu falo: "Não! Não é isso!" Eu acho que qualquer coisa é uma construção. O documentário também é uma construção. Nada é mais ou menos verdadeiro. O que existe é a verdade de um filme. Interna. (Transcrição de parte da entrevista com a cineasta brasileira Sandra Kogut, constante do DVD do filme *Mutum*, 2007. Sandra Kogut é diretora e coautora do roteiro do filme, que foi inspirado na obra *Pequenas histórias*, de Guimarães Rosa.)

Instruções:

Considerando a relação entre as declarações dos cineastas e os textos da prova sobre o mesmo tema, redija uma dissertação em prosa, sustentando um ponto de vista sobre o assunto.

- A redação deve ser feita na folha a ela destinada, respeitando os limites das linhas, com caneta azul ou preta.
- A redação deve obedecer à norma padrão da língua portuguesa.
- Dê um título para sua redação.

Na avaliação de sua redação, serão considerados:

- a) clareza e consistência dos argumentos em defesa de um ponto de vista sobre o assunto;
- b) coesão e coerência do texto; e
- c) domínio do português padrão.